

DELIBERAÇÃO 03/2011

MAXIMIZAÇÃO DA MAXIMIZAÇÃO CONTINUA

O Conselho de Administração, Consad, expediu, em 29/4, a deliberação 03/2011, que prorroga os efeitos da deliberação 02/2011 para o segundo semestre letivo. Na última sessão de 2010, o Consad aprovou a chamada maximização da maximização, ou seja, os titulares e associados também deveriam cumprir a deliberação 65/78 pelo topo e extinguia-se as chamadas "distorções" da aplicação desses parâmetros. Diante das reclamações de boa parte da comunidade, o Consad amenizou a situação promulgando a deliberação 02/2011 que, provisoriamente, instituiu uma tabela mais "suave" para a atribuição de aulas, mas não estabelecia diferenças entre titulares e associados e as demais categorias.

O semestre já está entrando na sua reta final e a comissão de contrato de trabalho do Consun pouco avançou, pedindo inclusive uma prorrogação de seus trabalhos por mais 90 dias.

Restava ao Consad cumprir a deliberação 01/2011, conforme foi estabelecido no início do ano. Porém, diante da reação dos diretores de faculdade, que previam uma situação caótica caso a 65/78 fosse aplicada pelo topo sem exce-

ções, os secretários executivos e o reitor resolveram prorrogar a tabela provisória de atribuição de aulas por mais um semestre.

HORA AULA

A deliberação 03/2011, porém, não é simplesmente uma prorrogação. Na verdade, abre um flanco perigoso para a chamada hora-aula. Conforme foi decidido no Acordo Interno dos professores, assinado pela APROPUC, os contratos docentes devem começar a partir de TP-10, para que haja, de fato, um comprometimento maior do professor com a instituição. Maximizados, os

contratos de TP-10 comecem agora somente com 6 horas, o que joga uma parcela do professorado para patamares inferiores. O Consad adotou então o chamado Fator de Trabalho Docente que estipula o valor de um contrato para um docente que tenha até 5 horas aula.

O fator é o resultado da multiplicação do valor-hora de cada categoria por 1,25, ou seja, um acréscimo de 25% ao valor da hora em aula docente. Por esse cálculo, em alguns casos, os docentes com menos de seis créditos podem perder até 35% em relação ao que recebem hoje, quando estão enquadrados com um tempo parcial de 5

horas, TP-5 (veja os cálculos no final desta página).

Dessa maneira a precarização das condições de trabalho estará mantida e, em alguns casos, até ampliada. Aquilo que deveria ser provisório, em 2006, se eterniza, de maneira piorada, em 2011.

As atuais medidas somadas à existência de tabelas diferenciadas fazem com que a PUC-SP se aproxime cada vez mais do patamar das universidades particulares que têm na mercantilização do ensino sua principal meta. Por isso os professores têm que ficar atentos à elaboração do novo contrato de trabalho pelo Consun para que novos golpes não sejam desferidos contra os docentes.

Como ficam os contratos de trabalho no segundo semestre de 2011

As cargas horárias da graduação	
Nº de créditos	Horas
3	5
4	5
5	5
6	10
7	10
8	15
9	15
10	20
11	20
12	25
13	30
14	30
15	35
16	35
17	40
18	40

O que é o Fator de Trabalho Docente

O cálculo da remuneração do professor que ministra menos de seis aulas por semana será feito a partir da fórmula Valor da hora da categoria x 1,25.

Exemplificando, um mestre que ministra três créditos por semana tem o seu valor de hora/aula em R\$ 30,46. Ou seja, R\$ 456,90 por mês (R\$ 30,46 x 3 créditos x 5 semanas letivas). Se acrescentarmos o adicional de 25% pre-

visto na fórmula, teremos um valor de R\$ 571,12 mensais. Na situação anterior ele seria um TP-5, recebendo R\$ 761,50 por mês.

Esses valores referem-se a um professor que está enquadrado na tabela antiga, ou seja aqueles que estavam na PUC-SP em 2006. Para os novos contratados ou aqueles que ingressaram na carreira após esta data o prejuízo será maior.

EDITORIAL

REPUDIAMOS O ASSASSINATO DE OSAMA BIN LADEN

Poucas serão as vozes que denunciarão os Estados Unidos pela morte do líder da organização Al-Qaeda. Provavelmente, apenas as esquerdas. Os democratas ficarão com a potência. O máximo que o jornalismo da grande imprensa tem feito é discutir aspectos legais e circunstanciais da operação militar. Os Estados Unidos poderiam invadir o território e matar Osama Bin Laden no Paquistão, sem o consentimento de seu governo? Não poderia tê-lo preso? Foi correto lançar o corpo ao mar?

Essas questões são postas devido à flagrante violação do direito internacional que é defendido pelos próprios Estados Unidos. Mas, no essencial, democratas, reformistas e direitistas estão de acordo: os Estados Unidos livraram seu país e o mundo de um perigoso terrorista e tornaram-no mais seguro. O mentor do ataque às Torres Gêmeas que matou quase três mil pessoas inocentes teve o fim merecido. Uma vez assim, podem-se discutir as sutilezas do direito internacional etc. Os segredos que envolveram a execução de Osama Bin Laden e as versões do governo Barack Obama dão margem a elucubrações.

Por que repudiamos o assassinato? Porque se tratou de uma resposta terrorista do Estado norte-americano ao terrorismo nacionalista da Al-Qaeda e porque expressa a política de domínio imperialista. A secretária de Estado, Hillary Clinton, apressou-se em dizer que o terrorismo não foi liquidado com o desaparecimento de Bin Laden. Nessa avaliação está a chave do problema. Não se trata do terrorismo em geral, mas do terrorismo germinado nos países árabes, oprimidos pelo imperialismo. No fundo dele, encontra-se o nacionalismo.

O fato de Osama professar o islamismo e de haver muitas organizações políticas vinculadas ao islamismo que se valem do método terrorista, permite a propaganda imperialista de que se trata de um fenômeno de desvio sectário. É com essa falsificação que os Estados Unidos e seu batalhão de "especialistas" no mundo todo (o Brasil está cheio deles no jornalismo) procuram separar os muçulmanos em duas categorias: os terroristas que seriam minoritários e os não-terroristas. Não obstante, não há como ocultar as leis da história e ajustar os seus acontecimentos à ideologia dominante. Osama Bin Laden é uma criação do nacionalismo burguês e pequeno burguês, que

se manifesta em países marcados pela violência colonialista e pelo imperialismo moderno.

A interpenetração do nacionalismo com o islamismo constitui uma particularidade das nações árabes, cujo desenvolvimento capitalista é escasso e cuja estrutura social comporta uma feudal-burguesia assentada numa vasta massa de explorados. A civilização árabe, no entanto, acumula uma extraordinária experiência de luta contra o colonialismo e o imperialismo. Não por acaso, as massas oprimidas reconheceram a Revolução Russa, que passou a ter influência na região. O retrocesso estalinista comprometeu a luta pela independência nacional. A divisão que passou a ser imposta com o fim do Império Otomano desde a 1ª Guerra pelas potências e a hegemonia conquistada pelos Estados Unidos na 2ª Guerra intensificaram a opressão nacional e social. Formou-se um caldeirão em ebulição. Nele, emergiu o nacionalismo panarábico, que, sob uma elite militar, burguesa e pequeno-burguesa, fracassou na tarefa de conquistar a independência, reverter a divisão imposta e desenvolver as forças produtivas capitalistas. As manifestações contra as ditaduras e as monarquias serviais e corruptas do Norte da África ao Oriente Médio têm por base essa realidade.

Pois bem, o assassinato de Osama teve como antecedente dez anos de ofensiva militar norte-americana, destacando a invasão do Afeganistão e Iraque. A devastação material e de vida humana ainda está por ser apurada. O mesmo não ocorreu com o Irã porque a resistência do povo afegão e iraquiano pôs limites aos planos de guerra de ocupação.

O terrorismo nacionalista, de fato, não imporá a derrota às forças das potências, mas tem se levantado como um obstáculo político ao imperialismo. A violência desfechada contra Osama Bin Laden sintetiza a violência reacionária do imperialismo às nações e povos oprimidos. O fato de rechaçarmos o terrorismo individual como método de luta, uma vez que é praticado independentemente da classe operária e dos demais oprimidos, não nos desobriga de defender Bin Laden contra a sanha dos opressores do mundo e denunciar a infâmia de sua execução.

Diretoria Executiva da APROPUC (Bia Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischtordt)

Estudantes organizam ato em defesa da PUC-SP

Após um ano de mobilizações, que culminaram com a ocupação da Reitoria no fim do ano passado, e com o completo descaso dos gestores da universidade em cumprirem os acordos firmados, os estudantes voltam a se organizar contra a precarização e mercantilização do ensino na PUC-SP. No dia 12/5, acontece na Prainha, a partir das 19h30, o ato em defesa da PUC-SP: "Se só se pensa no lucro, se esquece do ensino".

O ato terá três eixos principais: as conquistas da ocupação, defesa da qualidade de ensino na PUC-SP e a demissão e maximização dos professores. Os estudantes já realizaram panfletagem e cada centro acadêmico produziu cartazes para divulgação da atividade. Na próxima semana, acontecerão passagens em sala.

As três pautas não estão articuladas nesse primeiro grande ato do ano por acaso. A maximização do contrato docente e a possibilidade de demissões para o segundo semestre atacam diretamente a possibilidade de um ensino de qualidade. Sem incentivos concretos para pesquisa ou preparação

prévia das aulas, os professores têm se desdobrado para dar mais aulas do que podem, sem receber salários compatíveis com seus esforços.

EM DEFESA DAS DEMANDAS SOCIAIS

Por ensino de qualidade se deve entender também uma universidade que atenda as demandas da sociedade, que seja capaz de incluir estudantes no ambiente universitário e não restringi-lo e elitizá-lo ao máximo, como tem sido feito nos últimos anos na Pontifícia. Bolsas institucionais para aqueles que não podem pagar as altas mensalidades da universidade são mais que necessárias.

Além da incessante luta pela redução das mensalidades, bandeira maior no ano passado, tantas outras reivindicações do movimento estudantil não foram contempladas. O preço do bandeirão segue o mesmo, as bolsas ainda são insuficientes e a brinquedoteca da PUC-SP continua fechada para os filhos de estudantes, professoras e funcionárias.

Contra o descaso, cada vez maior, da PUC-SP para com a sua comunidade, todos à Prainha no dia 12/5.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Thiago Cara, Marina D'Aquino e Ana Carolina Andrade

Fotografia: Luana Lila

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

PRECARIZAÇÃO DO ENSINO E TRABALHO

"A PUC-SP tem que ouvir mais a comunidade"

Urbano Nojosa está na PUC-SP há dez anos, lecionando nos cursos de Múltiplos e Jornalismo, do qual hoje é coordenador. Ele é nosso entrevistado da semana falando sobre as condições de trabalho e ensino que hoje são enfrentadas por professores, alunos e funcionários.

"A PUC-SP sempre estava assinando projetos na contramão da lógica que existia nas universidades particulares, que priorizava o lucro em detrimento da qualidade educacional. Ela tinha um parâmetro claro do que era a atividade de uma fundação que é particular, mas ao mesmo tempo possuía metas educacionais como grupos de pesquisa, a pós-graduação e a própria graduação. Hoje, a PUC-SP compromete seu projeto de universidade.

Nestes últimos dez anos esse processo de fato se precarizou. Após ciclo de demissões, a PUC-SP criou uma história traumática, de derrotas, desde a perda da autonomia, o novo estatuto da universidade, o próprio processo de demissão que nós não conseguimos ter outra saída que viabilizasse, e a própria questão financeira.

Então nós tivemos um déficit e ao mesmo tempo uma precarização da própria estrutura e das nossas relações de trabalho. Enfrentamos a maximização, a reformulação do estatuto, um esvaziamento das entidades sindicais representativas, tanto a AFA-PUC como a APROPUC. Cada vez mais vivenciamos uma lógica técnica e burocrática predominando. Por exemplo, a unificação das secretarias, a própria Faculdade que tinha, na antiga Comfil, em torno de 20 funcionários, hoje tem seis ou sete. E para o suporte a uma coordenação isso é muito comprometedor. A lógica de novos contratos, que no caso do Jornalismo a gente não aceitou, diminuiu o número de professores. Nos últimos anos,



VALENO PAIVA

quatro, cinco professores pediram demissão, ou foram embora para outras universidades, e a precarização dos laboratórios é flagrante, pois não tivemos nenhum investimento nessa área. Por outro lado, os prédios são a grande reclamação dos estudantes.

Para os alunos sobra o aumento das mensalidades. O aluno começa a fazer pesos e medidas, quanto ele está pagando quanto ele está recebendo e começa a reclamar. Ele tem um equipamento em casa de fotografia, de vídeo, de computadores e redes sociais, melhor do que a universidade pode ofertar. Então, de certa forma, isso representa discrepância porque o aluno não consegue compreender como é que um curso superavitário como o Jornalismo, que fatura mais de três milhões por ano, tem uma condição tão precária."

SAÍDAS PARA A CRISE

"A saída tem que ser coletiva, não acredito que uma Reitoria, ou a própria Fundação, ou qualquer instância sozinha vá tirar da cartola um projeto de universidade. Temos que ter muito claro que a PUC-SP é fruto de uma história de compromisso dos professores, dos funcionários com esta instituição. Depois das demissões, aquela dedicação exclusiva

que antes existia à PUC-SP, agora não tem mais, principalmente por uma condição de precarização do trabalho.

Teremos que mexer com uma série de coisas que viraram vespeiro. Desde como pensar o estatuto e as relações entre faculdade, departamento e coordenação. Esse meio de campo está muito confuso, as representações maiores têm discordância com a aplicação dos projetos de coordenação e chefia do departamento, até no aspecto administrativo. Na minha cabeça não é possível ter cursos tão diferentes com a mesma mensalidade. A primeira coisa é estabelecer que existam diferenças. O valor da mensalidade de um curso que essencialmente utiliza lousa e sala de aula, que deve ser diferente de outro curso que usa laboratórios, não dá para os dois terem o mesmo preço. Um curso de Filosofia, ou um curso de Letras são diferentes de um curso, por exemplo, que usa computadores em suas disciplinas, de um curso que usa equipamentos de imagem, laboratórios de fotografia etc.

A segunda coisa, e aí entra o aspecto coletivo dos professores, é que vamos chegar em um momento onde reconheceremos que o corpo docente da PUC-SP envelheceu, que isso gera, de certa forma, um descon-

forço na instituição e saber como faremos essa renovação. Ao mesmo tempo temos de reconhecer que esses professores fazem parte da história da PUC-SP. Já há muito tempo pensei na possibilidade de criarmos um instituto PUC, onde as pessoas que estão se aposentando e se afastando ainda possam manter um vínculo com a universidade, mas para estabelecer outros tipos de serviços, não necessariamente a atividade em sala de aula."

PRECARIZAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS

"Em relação aos funcionários, acho que está acontecendo uma coisa mais grave, pois o trabalhador é preparado pela PUC e está indo para outras instituições ganhar melhor. Acho que se a instituição banca financeiramente a formação desse funcionário seria interessante tê-lo no seu corpo institucional. De certa forma, acho que a solução da PUC-SP precisa ser coletiva. Nem os professores, os funcionários ou a própria Fundação e Reitoria conseguem individualmente tirar coelho da cartola. Se a PUC-SP se comparar com as outras instituições estaremos cometendo um erro estratégico, pois a PUC tem uma particularidade dentro de São Paulo que só é comparável com as universidades de grande porte como a USP, a Unicamp.

Nos últimos anos estão verticalizando muito a estrutura da universidade e tornando-a cada vez mais burocrática, isso faz com que se evitem as instâncias de diálogo. A PUC-SP tem que ouvir mais a comunidade. Voltar a uma tradição mais polifônica, de mais voz e várias matizes; muitas vezes sinto um viés de um pensamento único, de uma única forma de resolver os problemas. Acho que não deve ser assim."

FALA COMUNIDADE

Nova denúncia dos seguranças da Graber

Voltamos a manifestar nossa insatisfação com uma série de acontecimentos que vêm ocorrendo na PUC-SP. Gostaríamos de chamar a atenção para alguns aspectos referentes às agressões sofridas por dois seguranças conforme matéria publicada na edição n.º. 799 do jornal *PUCviva*.

Primeiro queremos enfatizar a 'covardia' das agressões que foram cometidas e as coincidências envolvendo os dois casos. O primeiro ocorrido no ano passado e o segundo no mês passado. Ambos sofreram as agressões longe da presença dos demais seguranças, ambos eram de baixa estatura e do tipo 'franzino'. Em ambos os casos, não houve nenhuma atitude por parte do coordenador da Graber em relação aos acontecimentos, demonstrando uma total indiferença quanto ao que ocorre com os seus funcionários. Nem mesmo quando o primeiro segurança agredido recebeu uma suspensão de cinco dias (logo após a agressão), o coordenador se manifestou ou interferiu. Notem que a suspensão foi dada ao 'agredido', não ao 'agressor'.

Até onde sabemos, qualquer tipo de agressão em horário e local de trabalho é passiva de demissão por justa causa. Que nos corrija, caso estejamos errados, algum professor ou aluno com conhecimento na área jurídica. Como pode um coordenador permanecer omissos diante das agressões cometidas por seus comandados? Estaria ele tão comprometido com os seus líderes por um laço de amizade pessoal que lhe tiraria toda a autoridade perante os mesmos? Seja

como for, continuamos sem ter a quem recorrer. Até mesmo o senhor Marcos Adriano, que ocupa um cargo de direção na Graber, só aparece na PUC-SP para tratar de negociação de contrato e tomar cafezinho com os professores e padres.

Na semana retrasada ocorreu mais um fato que vem confirmar a precariedade e a falta de respeito pelo trabalhador terceirizado na PUC-SP e a total 'passividade' e 'subserviência' da Graber e toda a sua chefia, diante de situações que lhes são impostas. O professor Hélio Deliberador juntamente com o professor Mário, mandaram retirar a 'guarita' que era usada pelo segurança que fica na rampa de entrada da rua Monte Alegre. Mandaram colocar no local um banco e um guarda-sol, deixando o segurança daquele posto totalmente exposto às intempéries do tempo.

Até então nós questionávamos o fato de que aquela 'guarita' estava em local errado, do lado de fora

do campus, quando o correto seria estar do lado de dentro, evitando a exposição e dando maior proteção ao segurança, principalmente à noite. Mas, o que dizer agora? Gostaríamos de perguntar aos professores se não seria melhor e mais barato, a PUC contratar um 'guarda-noturno' para fazer a ronda do lado externo? Porque do jeito que a coisa está indo, com a Fundação barganhando redução de custo e a Graber aceitando a tudo passivamente, vai chegar o momento em que não haverá mais o que precarizar, retirar ou diminuir. Até que ponto a Graber vai aceitar essas exigências absurdas? Ficamos apreensivos imaginando o que nos será tirado da próxima vez.

Hoje, temos sérias dúvidas quanto 'a quem' de fato estamos subordinados diretamente, pois em alguns casos passamos a receber ordens diretamente dos professores. Gradativamente a Graber vai perdendo autonomia e autoridade. Com essa diminuição

do efetivo de seguranças, resultante dessa redução de custo imposta pela Fundasp, alguns setores onde antes havia um segurança, hoje fica sem. No início do ano uma funcionária da clínica psicológica foi surpreendida por um casal que tentou roubar-lhe o celular. Detalhe: o segurança foi retirado desse setor.

No ano passado houve vários furtos de aparelhos multimídia das salas de aula do prédio novo. Um maluco com uma faca quebrou e ameaçou alunos no CA Benevides Paixão há cerca de um mês. Hoje, temos que nos desdobrar para tentar fazer o melhor. Mas, é difícil trabalhar com essa sobrecarga e acúmulo de funções, pressão e cobrança, agressões, desrespeito, precariedade e descaso. Onde está o incentivo (material e financeiro), o reconhecimento, o respeito, a consideração e o apoio? Aonde... senhores da Graber e da Fundasp?! Nos digam!

Seguranças da Graber

Fundação São Paulo desrespeita e humilha...

A mantenedora Fundação São Paulo, regida pelos padres, é responsável por toda a parte financeira da PUC-SP. Tomaram de vez as rédeas quando a dívida da PUC-SP chegou ao incrível número de 300 milhões. E com isso chegou o tempo de austeridade dentro desta universidade. Os professores têm sofrido ao longo dos últimos anos no que se refere às condições de trabalho: maximizações contratuais, desrespeito a dissídios co-

letivos, tentativa de quebra da negociação coletiva, salas de aulas em condições absolutamente precárias.

Se já não bastasse esta brutal exploração dos professores e a brutal exploração para com os trabalhadores terceirizados desta universidade, os alunos ex-bolsistas e inadimplentes vivem sofrendo enormes humilhações e desrespeitos da instituição em que ficaram, no mínimo, quatro anos. Estes ex-bolsistas e inadimplentes quando vão

procurar o setor de negociação, para assim fazer um acordo e quitarem suas dívidas, são extremamente humilhados, pois tentam acordar com a Fundação algo que conseguem pagar mensalmente e só levam NÃO como resposta.

Estes alunos não negam suas dívidas, querem pagar. Só não conseguem pagar da maneira da qual a Fundação lhes impõe. O

continua na página seguinte

continuação da página anterior

pior de tudo é que estes alunos quando vão procurar emprego, na maioria das vezes não conseguem, pois seus nomes foram inseridos no SERASA. VERGONHA!

Padreços acordem pra cuspir. Como podem alunos formados em História ou em Ciências Sociais, que dão aula no ensino médio, pagar uma quantia maior do que R\$ 1.000,00 por mês. Vocês acham que eles não precisam comer, pagar aluguel, comprar livros, enfim.. Viver???

Parece que a tal filantropia de vocês está em um "Aurélio" do qual não conhecemos!

O mais esquizofrênico disto tudo, é que nem pensar de forma capitalista vocês são capazes, já que a PUC-SP continua a dever as calças aos bancos, vocês deviam aceitar o que estes alunos têm a oferecer, para assim fazer uma cartela de clientes. Porque é assim que nos tratam, como meros clientes. E estamos muito insatisfeitos com o atendimento. Quem sabe uma ação coletiva nas pequenas causas?

A filantropia ficou perdida no tempo, pois as portas da universidade só estão abertas para quem tem como pagar, portanto, se tornou mais excludente. Para justificar a sua filantropia, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo aderiu ao ProUni.

Basta de desrespeitar e humilhar as pessoas que realmente fazem esta universidade acontecer: FUNCIONÁRIOS, PROFESSORES E ALUNOS.

Marquinhos (Marcos Vinicius Maia) é aluno do 5º ano de Ciências Sociais



Revista *PUCviva* será lançada com debate sobre esporte

A revista *PUCviva* nº 38 será lançada na quinta-feira, 19/5, às 19h, na sala 333, com um debate reunindo especialistas na área do esporte. O propósito da publicação é estabelecer uma crítica à prática esportiva desenvolvida em nossa atual sociedade, onde o prazer foi substituído por técnicas que transformaram uma atividade lúdica por excelência, como é o caso do esporte, em mera mercadoria.

"O esporte é determinado pela sua prática social. Nessa medida incorpora os valores ideológicos e os interesses econômicos na sociedade na qual é praticado. (...) Foram os valores e os interesses do sistema capitalista que fizeram do esporte um espetáculo e o transformaram em mercadoria", ressalta o editorial da publicação. Baseada nesta linha de pensamento, Ricardo Melani, editor da publicação, aborda o significado do esporte em "a Metafísica da pelota", no forma-

to de um conto-crônica.

A relação entre o esporte e a mídia é abordada por Nei Jorge dos Santos, mestre da UFRJ. Já as relações entre esporte e educação, bem como o esporte universitário, são abordados em três artigos, pelos professores Glauco Nunes Souto (Ufscar), Carol Kolinak Filho (PUC-SP), Lillian Aparecida Ferreira (Unesp) e David Francisco da Silva (PUC-SP).

O esporte comunitário é abordado também por outro professor da PUC-SP, Adilson Souza de Araujo, enquanto que a sua contraposição, o Esporte a qualquer preço, é discutido por Eduardo Henrique de Rose, professor da UFRS. Sergio Luiz Carlos dos Santos, por sua vez, fala sobre as negociatas no esporte.

A revista ainda conta com a participação de Plínio Labriola Negreiros, Danilo Heitor Vilarino, Francisco José Nunes e Irlan Simões. O lançamento da revista *Crítica ao Esporte*

acontece com um debate reunindo os articulistas Ricardo Melani, Danilo Villarino, Sergio Luiz Carlos dos Santos, Francisco José Nunes e Ney Jorge dos Santos.

COMUNA DE PARIS

Entre os dias 23 e 27/5, será realizada uma semana comemorativa aos 140 anos da Comuna de Paris, com o tema "Tomando o Céu de Assalto - Da Comuna de Paris à Comuna de Oaxaca: 140 anos de experiências de auto-organização dos trabalhadores".

A atividade é promovida pela APROPUC, Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), Núcleo de Estudos de História e o Conselho dos Centros Acadêmicos da PUC-SP (CCA). Além das atividades da semana, a APROPUC lançará uma revista *PUCviva* especial sobre o tema, reunindo artigos de professores e estudantes.

GAUCHE NA VIDA

A revolução árabe: revolução até a vitória!

- Thawra hatta'! nasr!

1ª parte do Manifesto Internacional da CMI (Corrente Marxista Internacional) sobre a revolução nos países árabes.

A Revolução Árabe é uma fonte de inspiração para os trabalhadores e para a juventude de todo o mundo. Ela abalou cada país no Oriente Médio em seus alicerces e suas repercussões se fazem sentir em todos os lugares. Os dramáticos acontecimentos no Norte da África e no Egito assinalam um ponto de virada decisivo na história humana. Esses acontecimentos não são acidentes isolados fora do processo geral da revolução mundial.

O que vemos se abrir diante de nós é a etapa inicial da revolução socialista mundial. O mesmo processo geral se desdobrará, embora em ritmos diferentes, por todo o globo. Inevitavelmente, haverá fluxos e refluxos; derrotas, e também vitórias; reveses, e também êxitos. Devemos estar preparados para isto. Não obstante, a tendência geral será na direção de uma maior aceleração da luta de classes em escala mundial.

O maravilhoso movimento das massas na Tunísia e no Egito é somente o começo. Os desenvolvimentos revolucionários estão na agenda e nenhum país pode se considerar imune a este processo geral. As revoluções no mundo árabe são uma manifestação da crise do capitalismo em escala mundial. Os acontecimentos na Tunísia e no Egito refletem como um espelho o futuro dos países capitalistas avançados.

TUNÍSIA

Aparentemente, a Tunísia era o mais estável país árabe. Sua economia estava crescendo rapidamente e gordos lucros estavam sendo realizados pelos investidores externos. O presidente Zine al-Abidine Ben Ali governava com mão de ferro. Tudo parecia ir às mil maravilhas no mais maravilhoso dos mundos capitalista.

Os analistas burgueses somente vêm o que se encontra à superfície e não conseguem enxergar os processos que se desenvolvem nas profundezas da sociedade. Em consequência, estavam cegos diante dos processos em movimento no Norte da África. Negaram qualquer possibilidade de uma revolução na Tunísia. Agora, todos os estrategistas, economistas, acadêmicos e "especialistas" burgueses fazem exposição pública de sua perplexidade.

O país explodiu após a auto-imolação de um jovem desempregado, Mohamed Bouazizi. Hegel já chamara a atenção para o fato de que a necessidade se expressa através de um acidente. Não foi este o único caso de suicídio de jovens desempregados e desesperados na Tunísia. Mas, desta vez, suas repercussões foram inesperadas. As massas transbordaram nas ruas e iniciaram uma Revolução.

A reação inicial do regime foi de esmagar a rebelião pela força. Como isso não funcionou, apelaram para as concessões, que apenas serviram para lançar lenha na fogueira. A forte repressão policial não conseguiu deter as massas. O regime não uti-

lizou o exército porque não podia fazê-lo. Um confronto sangrento o teria desmembrado.

A classe trabalhadora tunisiana lançou uma onda de retumbantes greves regionais que culminou em uma greve nacional. Foi neste ponto que Ben Ali fugiu para a Arábia Saudita. Foi esta a primeira vitória da Revolução Árabe. Esta vitória mudou tudo.

Com a fuga de Ben Ali, surgiu um vácuo de poder que tinha de ser preenchido pelos comitês revolucionários. Estes tomaram o poder em nível local e em alguns casos em nível regional. Em Redeyef, onde se localizam as minas da bacia de fosfato de Gafsa, não havia nenhum outro poder além do poder dos sindicatos. A delegacia de polícia foi incendiada e destruída, o juiz fugiu e a prefeitura foi tomada pelo sindicato local que estabeleceu ali o seu centro de operações. Na praça principal da cidade são realizadas assembleias de massas, que são dirigidas regularmente pela liderança do sindicato. Eles criaram comissões para lidar com o transporte e a ordem pública, a prestação de serviços locais etc.

As massas não ficaram satisfeitas ou pacificadas com a vitória inicial. Foram às ruas em grande número contra qualquer tentativa de se repor a velha ordem sob nome diferente. Todos os velhos partidos ficaram completamente desacreditados. Quando Gannouchi tentou instalar os novos governadores regionais, o povo os repudiou. Centenas de milhares de pessoas protestaram

e estes novos governadores tiveram de ser removidos.

Na Tunísia, a lava da revolução ainda não esfriou. Os trabalhadores estão exigindo o confisco da riqueza da família de Ben Ali. Como esta controlava vastos setores da economia, esta exigência constitui uma ameaça direta ao domínio da classe capitalista na Tunísia. O confisco da propriedade da camarlha de Ben Ali é uma demanda socialista.

Os trabalhadores tunisianos deram um pontapé em seus patrões impopulares. O esquerdista Movimento 14 de Janeiro apelou à convocação de uma assembleia nacional de comitês revolucionários. Esta é uma demanda correta, mas não foram dados passos concretos para pô-la em prática. A despeito da ausência de liderança a Revolução continua a avançar a passo de gigante, derrubando Gannouchi e elevando o movimento a novas alturas. Nossa palavra de ordem deve ser: thawra hatta'! nasr! - Revolução até a vitória!

Para acesso ao documento completo: <http://www.marxist.com/manifesto-cmi-revolucao-arabe-1.htm>

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Nem mesmo repressão do Estado barra a luta dos trabalhadores

Em São Paulo, o 1º de Maio foi lembrado, mais uma vez, com repressão contra os trabalhadores. Enquanto Força Sindical, CTB, UGT e demais centrais ligadas ao governo federal realizavam festas com shows musicais e sorteio de prêmios, as entidades e militantes de oposição de esquerda como a Pastoral Operária, CSP-Conlutas, Intersindical, Unidos Pra Lutar, PSOL, PSTU, PCB, Consulta Popular, PCR, Uneafro, MST-SP, MTST, entre outros, lembraram que a data precisa ser um dia de luta para os trabalhadores. Diferente das festas e shows financiados com dinheiro de empresas estatais, bancos e empreiteiras, os mais de dois mil militantes que estiveram presentes na Praça da Sé realizaram um ato político exigindo emprego, moradia e terra, denunciando a política econômica, perda de direitos sociais, as mudanças do Có-



A manifestação dos trabalhadores na Praça da Sé

digo Florestal e a criminalização dos movimentos sociais e da pobreza.

Porém, infelizmente, o 1º de Maio sofreu, novamente, com a repressão do Estado contra os trabalhadores. A Polícia Militar de São Paulo avançou contra os membros da Educafro, que denunciavam o racismo no comércio, com bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e balas de borracha, causando grande confusão. O comandante da operação, identificado

como Tenente Moura, afirmou que o avanço da Força Tática da PM se deu por conta de um ato de "desacato". Um membro do MTST foi encaminhado ao hospital, após levar tiros de borracha à queima-roupa, mas foi posteriormente liberado. Apesar da confusão, ninguém foi preso.

Depois da intervenção, o ato foi reiniciado e a violência da PM paulista foi duramente repudiada pelos presentes.

Marcha da Maconha começou no domingo

Não autorizada em diversos estados e reprimida com violência policial, a Marcha da Maconha desse ano teve início nesse domingo, 7/5, em Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ) e Vitória (ES). Antes mesmo de sua realização a Marcha já encontrou dificuldades para acontecer. Na madrugada da quinta-feira, 21/4, quatro integrantes da Marcha foram detidos por policiais militares na Lapa, no

Rio de Janeiro, enquanto panfletavam. Os PMs apreenderam 1200 panfletos, além de camisetas com o logo da Marcha que os militantes iriam vender. Os manifestantes foram acusados de apologia ao uso de drogas.

Integrantes da Marcha se manifestaram em seu site lembrando que "a liberdade de expressão e o direito de reunião e manifestação é um direito garantido na constituição brasilei-

ra, na constituição do estado do Rio de Janeiro e na declaração universal dos direitos humanos. Sendo assim, qualquer prisão por panfletagem ou realização da Marcha da Maconha é ilegal e considerada abuso de autoridade. Lutar pela legalização da Maconha não é apologia!"

A Marcha irá ocorrer por todo Brasil. Em São Paulo será realizada no dia 21/5, às 14h, com concentração no MASP.

Um ato para denunciar o racismo

O próximo dia 13/5 será marcado por um grande ato, na Praça Ramos, organizado pela UNEafro-Brasil, APROPUC, Círculo Palmarino, Consulta Popular, Tribunal Popular, MNU, Unegro, Construção Coletiva da PUC-SP, Mães de Maio, entre outras organizações sociais, para combater o racismo e denunciar o genocídio da juventude negra.

A concentração começa por volta das 12h, em frente ao Teatro Municipal, com diversas intervenções poéticas e artísticas, até às 18h, quando está previsto o início do ato político. Às 19h, os militantes sairão em um cortejo cultural pelas ruas do centro.

Visita à Escola Nacional Florestan Fernandes

A Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes está organizando a próxima visita coletiva à escola, no dia 28/5, sábado. Haverá um ônibus saindo de São Paulo até a ENFF, em Guararema (SP), com ponto de encontro na Estação de Metrô Armenia (esquina da Av. do Estado com Rua Pedro Vicente, ao lado do ponto de taxi) e saída às 7h30. O custo da visita é de R\$ 30,00, valor repassado para a ENFF para contemplar custos com café da manhã e almoço.

O grupo será de no máximo 90 pessoas, por isso é necessário confirmação de presença, enviando nome completo, RG e comprovante do depósito das despesas de alimentação e/ou ônibus para o endereço eletrônico visitaenff@amigosenff.org.br, até o dia 23/5. Os dados bancários da Associação dos Amigos da ENFF são: Banco do Brasil, Ag. 3687-0, Conta 285076-1. Confira também a programação da atividade no site: amigosenff.org.br.

ROLA NA RAMPA

PUC-SP inicia campanha de vacinação contra gripe

Começa hoje a Campanha 2011 de Vacinação contra a Gripe, para professores, funcionários/dependentes, estudantes do campus Monte Alegre da PUC-SP. A campanha, que ainda vai percorrer todos os campi da universidade, vai até o dia 19/5. No campus Monte Alegre, a vacinação acontecerá na sala S16 (ao lado do Ambulatório Médico, no Prédio Velho), até o dia 12/5, das 8 às 22h. Para associados à APROPUC ou AFA-PUC, a vacinação é gratuita. Já os professores e funcionários não associados pagam R\$ 7,62. Para alunos da universidade,

dependentes de professores e funcionários, assim como a comunidade externa, o valor é de R\$ 25,40. Dependentes de professores e funcionários terão os valores descontados em folha. Os alunos e a comunidade externa deverão adquirir o vale-vacina na Tesouraria, nos dias de vacinação. A atividade é promovida pelo setor de Recursos Humanos, AFAPUC e APROPUC. Para maiores informações, a comunidade pode entrar em contato através dos números (11) 3670-8008 e 3670-8234 ou no e-mail: amb.medico@pucsp.br.

Veja as datas e locais da vacinação

Campus MONTE ALEGRE - 9 a 12/5 - das 8h às 22h

Campus SOROCABA - 13/5 - das 8h às 20h

Campus DERDIC - 16/5 - das 8h às 17h

Campus CONSOLAÇÃO - 17/5 - das 8h às 13h e das 15h às 22h

Campus BARUERI - 18/5 - das 8h às 14h

Campus SANTANA - 18/5 - das 16h às 21h

Campus IPIRANGA - 19/5 - das 8h às 12h

CACS é tema de exposição no Museu da Cultura

Teve início, no último dia 3/5, a exposição "CACS: Autogestionário, independente, e o cacete", no Museu da Cultura. O material exposto, que conta com imagens e vídeos, é fruto da pesquisa de Iniciação Científica do ex-aluno de Ciências Sociais Wander Wilson Chaves Júnior, e vai até o dia 20/5. No dia 18/5, às 19h30, será promovida ainda uma mesa

redonda com Lucia Helena Rangel, Salete Oliveira, Márcia Lazzari e Renato Ganhito para discussão da história do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Nesta semana, o CACS também encerra seu ciclo de cinema. No dia 11/5, às 19h30, no próprio CACS, acontece a exibição de "As Mães da Praça de Maio", com comentários da professora Lúcia Rangel.

Consad nega verba para os "140 anos da Comuna de Paris"

A reunião do Consad (Conselho Superior de Administração) de 6/5, cuidou basicamente de assuntos rotineiros. A expectativa era que o conselho discutisse como ficariam os contratos docentes no 2º semestre, porém com a edição da deliberação 03/2011 (veja a matéria de capa), a discussão ficou esvaziada. As questões rotineiras debatidas foram em relação às pautas do setor de compras, recursos humanos, contratações e eventos. A atividade sobre os 140 anos da Comuna de Paris, foi tam-

bém ponto de pauta da reunião do conselho, já que uma nova solicitação para o evento foi incluída no projeto inicial, adicionando a disponibilidade de verbas da universidade para compra de passagens para debatedores do evento. A solicitação foi indeferida por unanimidade, com o argumento de que o projeto inicial, já aprovado pelo mesmo conselho, continha apenas solicitações quanto a reserva de espaço, e que essa nova planilha de custos se diferenciava da solicitada anteriormente.

Mulheres e proibicionismo

Nessa terça, 10/5, às 19h, na sala 47 CA, no prédio da Faficla, no campus Monte Alegre, ocorrerá o debate "Os efeitos da proibição das drogas sobre as mulheres", trazendo um recorte de gênero em relação à questão do proibicionismo das drogas. Organizado pelo Coletivo Desentorpecendo a Razão (DAR), Marcha da Maconha São Paulo, CA Benvides Paixão e os coletivos feministas da PUC-SP Yabá e Três Rosas, os dois últimos coletivos feministas

auto-organizados, nos quais apenas mulheres debatem e formulam a respeito de suas pautas. O debate contará com a presença de Alessandra Teixeira, advogada do IBCCRIM e integrante do Grupo de Trabalho Mulheres Encarceradas; Natália Corazza, doutoranda em sociologia na Unicamp (pesquisa relações afetivas entre presas); Thandara Santos, da Marcha Mundial de Mulheres e Pedro Nogueira, do Coletivo DAR e da Marcha da Maconha.

Revista *Transa* busca colaborações

A Gestão Dissonância do Centro Acadêmico Clarice Lispector, convida todos os estudantes da PUC-SP para participar da sessão *Dionisando*

da próxima edição de sua revista *Transa*. Os textos devem ser enviados para o e-mail dionisando@hotmail.com até o dia 10/5.

Filme estreia no TUCA

Na segunda, 9/5, estreia no teatro TUCA, na sala Paulo Freire, às 19h, o filme "A obra de arte", do diretor Marcos Ribeiro, um longa metragem sobre a criação artística com sete dos principais artistas plásticos brasileiros: Beatriz

Milhares, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Eduardo Sued, Ernesto Neto, Tunga e Waltercio Caldas. Além da projeção, após o filme haverá um debate com o diretor Marcos Ribeiro e o compositor Antonio Saraiva.